

PÁSSARO MIGRATÓRIO¹

Tradução: Cleiton Santiago Madruga²

Revisão: Ariel Lara de Oliveira³

Certa noite no final do outono, após um concerto no Public Hall de Hibiya, diversos corvos surgiram amontoados em diversas formações, abrindo suas asas, dirigindo-se de volta para seus lares.

— Sr. Yamana? — chamou um dos corvos; um jovem de cabeça descoberta e cabelos bagunçados. Era esguio e vestia um blusão.

— Sim?

O corvo que havia sido chamado era um cavalheiro de meia-idade. Sem considerar o jovem, continuou andando em direção à Yurakucho.

— Quem é você?

— Eu?

O jovem alisou os cabelos com a mão enquanto ria: “Um mero *dilletanti*, eu diria”.

— E em que posso ajudar?

— Sou fã do senhor e de suas críticas musicais. Ultimamente não anda escrevendo muito, não?

— Na verdade, tenho escrito, sim.

Bola fora! O jovem curvou seus lábios pela gafe. Era estudante universitário de Tóquio, mas não possuía uniforme ou boina; apenas um blusão e um terno. Não ganhava apoio financeiro de seus parentes, portanto já havia engraxado sapatos e vendido bilhetes de loteria para se manter. Mas, recentemente, de fachada, trabalhava como editor-assistente em uma editora e, sorrateiramente, tomava parte em negócios de honestidade duvidosa aqui e ali, logo, seu bolso não estava tão vazio como se poderia imaginar.

¹ “Pássaro migratório” [渡り鳥, *Wataridori*]. Publicado originalmente em julho de 1948, na coletânea de contos *Ôtô* (Cereja).

² Cleiton Santiago Madruga é aluno do curso de graduação Bacharelado em Letras — Tradutor Português/Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e bolsista voluntário do Memorial de Cultura e Imigração Japonesa da UFRGS. Também atua como professor de japonês nos programas vinculados à universidade, como NELE e Idiomas sem Fronteiras. E-mail: <cleiton.madruga@hotmail.com>.

³ Ariel Lara de Oliveira é Mestre em Comunicação e Bacharel do Curso de Letras Tradutor Português/Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua como tradutor e professor de língua japonesa. E-mail: <emaildoarieloliveira@gmail.com>.

— Apenas Mozart pode ser considerado música, não é? — fingindo murmurar para si mesmo, voltou a bajular o senhor Yamana, lembrando de um de seus artigos escritos sobre a glorificação de Mozart e tentando recuperar sua adulação falha.

— Bom, não necessariamente...

Na mosca! Parecia que um pouco do humor havia sido reestabelecido. Pode apostar! As bochechas por trás da sombra do colarinho alto daquele sobretudo que o senhor Yamana vestia certamente ficaram menos tensas.

— Eu acho que a degradação da música moderna começou na época de Beethoven. Acredito ser uma heresia a ideia de que a música confronta e se opõe à vida humana. A essência da música é ser um acompanhamento de nossas vidas. Após escutar Mozart, depois de tanto tempo, percebi perfeitamente o que a música realmente é... —continuou o jovem.

— Esta é a minha estação.

Era a estação de Yurakucho.

— Ah, é mesmo? Desculpe-me. Fiquei muito contente por ter conseguido conversar com o senhor hoje — com as mãos enfiadas dentro dos bolsos da calça, o jovem inclinou levemente a cabeça despedindo-se do senhor Yamana, e, dando meia-volta, partiu em direção à Ginza.

Se escutar Beethoven, notará que só é Beethoven. Mozart, Mozart. Tanto faz, não é mesmo? Aquele professor parece não gostar de cuidar de seu bigode, mas... é difícil de entender deixar o bigode daquele jeito. Bom, tanto faz, talvez ele simplesmente não se importe com seu bigode. Críticos não gostam de nada, mesmo, e conseqüentemente também não desgostam. Isso, talvez eu seja como ele. Patético. Mas um bigode... Parece que criar um bigode endurece os dentes só para cravá-los em alguém. O imperador possuía um, não é? Como sua barba era deslumbrante! Além disso, calçava *geta*⁴ enquanto trajava roupas ocidentais. Coitado. De fato, entender o psicológico de sua majestade seria agonizante para mim. Diria que parecia como se a barba estivesse confrontando a vida daquela pessoa. Seu semblante ao dormir devia ser o máximo. Será que devo deixar crescer meu bigode? Quem sabe existam epifanias que só surgem após adquirir um. Já o bigode de Marx... como classificá-lo? Como foi cultivado? É como se houvessem colocado uma espiga de milho abaixo do seu nariz... Inexplicável! Já o bigode de Descartes... Parece baba de bovino, ou seja, demonstra um ceticismo— Opa! Aquela pessoa... Quem é mesmo? Sim! É a Sra. Tanabe, não há dúvidas. Quarenta anos de idade. Quando as mulheres chegam nessa idade sempre possuem um dinheirinho extra guardado, é certeza. É pequena, e isso ajuda também.

— Sra. Tanabe — chamei a atenção dela através de um toque no ombro. Nossa! Uma boina verde... Não ficou bom. Os ideólogos costumam recusar noções de requinte, não? Mas pense na sua idade, mulher. Na idade!

⁴ *Geta*. Tamanco de madeira japonês, com dois saltos paralelos na sola.

— Quem...?

Míope? Dá um tempo...

—Sou da editora...

Vai me fazer dizer até o meu nome? Está com sinusite?

— Ah, perdão, sr. Yanagawa — finalmente lembrou. Esse nem é o meu nome verdadeiro, mas não vou te contar isso.

— Isso mesmo. Gostaria de agradecer por aquele dia.

— Sem problemas.

— Aonde está indo?

— E você? — respondeu na defensiva. É do tipinho cauteloso.

— Estava em um concerto.

— É mesmo? — Pareceu aliviada. É por isso que preciso ir em concertos de vez em quando.

— Estou voltando para casa, de metrô. Tive alguns afazeres pendentes em um jornal...

Afazeres, hein? Mentirosa. Estava se encontrando com algum homem, não é? “*Afazeres em um jornal*”, que exibida. As mulheres socialistas se atrapalham com a forte vaidade.

— Uma palestra? — questionei buscando uma reação, mas veja! Nem mesmo corou!

— Não, é sobre o sindicato...

Sindicato? De acordo com o *Le Dictionnaire des idées reçues*, isso significa “desordenamento, cansaço, que acabará em choro”. Sinônimo de “pressão do trabalho”.

Bom, lágrimas não são novidades para meus olhos também.

— Dia-a-dia cheio, não? — continuei.

— Sim, cansativo — ela respondeu. Que reação mentirosa.

— Mas agora é a melhor oportunidade para uma revolução popular, certo?

— Sim, precisa ser agora.

— É agora ou nunca...

— Mas é melhor não nos desesperarmos.

De novo, a bajulação falhou. Está sendo complicado.

— Vamos tomar um chá, qualquer hora — tentei parasitar algo dela.

— Claro, mas hoje terei que recusar.

Mas que precavida. Admito, o homem que tiver a companhia dessa mulher será um marido sortudo. Não há dúvidas de que cuidaria bem das finanças, e ainda lhe resta jovialidade.

Se avistar uma mulher de quarenta anos, notará que é só uma mulher de quarenta anos. Se avistar uma mulher de trinta, é uma mulher de trinta. Se for uma de dezesseis ou dezessete,

é só uma de dezesseis ou dezessete. Beethoven. Mozart. Sr. Yamana. Marx. Descartes. O imperador. Sra. Tanabe. Mas agora não há ninguém ao meu redor. Só o vento.

O que vou comer? Meu estômago está... Bom, acho que concertos talvez façam mal para o estômago. Com certeza, não deveria ter engolido aquele arrote.

— Ei, Yanagawa!

Certo, esse nome definitivamente não é bom. É a ordem inversa dos caracteres com que se escreve *senryû*⁵ e me faz lembrar daquele tipo de *nabe*⁶. Amanhã mesmo trocarei de homônimo. A propósito, quem é esse sujeito mesmo? Aparência horrenda. Certo, lembrei. Um jovem entusiasta literário que trouxe um manuscrito para ser avaliado na editora onde trabalho. Sujeitinho tedioso esse, hein. Parece estar bêbado e querer algo de mim, portanto serei frio e formal.

— Perdão pela indelicadeza, mas... Quem é você?

É possível que ele queira mendigar algo de mim.

— Levei um manuscrito meu até sua editora uma vez! Sou o rapaz que o senhor recusou chamando o trabalho de ‘cópia barata de Kafû’, por acaso esqueceu?

Tentando me intimidar, hein? Primeiro: eu não devo ter proferido termos como ‘plágio barato’. Devo ter dito algo como ‘epígono’... Não, talvez ‘imitação’. De qualquer forma, eu não li sequer uma página daquele manuscrito pois até o título não me apeteceu. Como se chamava mesmo? Talvez algo como “O divagar de uma dançarina”? Me deixou perplexo e envergonhado. Fiquei impressionado com um sujeito tosco como este.

— Me lembrei — respondi.

Nesses casos, é cabível lidar com isso da forma mais cortês possível. Este homem é um imbecil e não quero acabar apanhando dele. Me parece um tanto fraco, não deve ser páreo para mim, mas dizem que as aparências enganam, não é mesmo? Serei cuidadoso.

— Eu troquei o título — continuou o rapaz.

Que surpresa! Bem na caçapa! Parece que não é imbecil por completo.

— Mesmo? Acho que talvez tenha sido uma decisão correta — respondi fingindo ter algum interesse.

— Troquei para ‘Competição entre homem e mulher’

— ‘*Competição entre homem e mulher*’ — repeti, pois fiquei sem palavras. Sujeito ridículo. Quem diria que existem pessoas com este nível de imbecilidade. É como um piolho. Não ouse chegar perto de mim, ou me infectarei. É por isso que odeio esses jovens metidos a escritores.

⁵ *Senryû*. Tipo de poesia curta japonesa, com métrica igual a do haikai (5-7-5), em geral mais humoroso e com menos regras de estilo. 川柳, os ideogramas da palavra, quando invertidos, 柳川, lêem-se “Yanagawa”.

⁶ *Nabe*. Literalmente, panela, mas aqui refere-se ao tipo de cozido japonês com o mesmo nome. *Yanagawa nabe* é uma receita desse cozido.

— Consegui vender.

— O quê?

— O manuscrito! Consegui vendê-lo.

Só pode ser um milagre. O surgimento de um novo escritor, talvez? Que sensação ruim. Esse sujeito narigudo que parece um *hyottoko*⁷ pode ser, na verdade, um gênio. Espantoso. Lidar com novos escritores não é para mim.

— De fato, o título ficou interessante— tentei bajulá-lo.

— Sim, parece combinar com a moda atual.

Vou acabar com você, maldito. Oh, por Deus, não aguento mais interagir com este ser. Chega.

— Hoje recebi pelo manuscrito, e mais do que eu esperava. Desde antes estive bebendo por aqui e ali, em vários lugares, mas ainda me resta mais do que a metade!

É porque você bebe de forma mesquinha. Sujeito odiável. Está se gabando só por ter algum dinheiro. Quanto será que sobrou? Uns três mil ienes, talvez? Deve ter contado dinheiro escondido em algum banheiro por aí, senão, não teria dito com essa assertividade que havia ainda mais do que a metade. Acertei, não é? Fez exatamente isso. Se não foi dentro do banheiro, talvez à sombra de um poste de luz, enquanto bêbado, contou nota por nota suspirando. Patético. Na verdade, também já passei por isso.

— Pretendo gastar o resto do dinheiro hoje à noite e gostaria que me acompanhasse. Se houver algum bar de que goste nesta região, poderíamos ir juntos?

Tudo bem, você não é tão ruim assim. Mas será que tem mesmo dinheiro? Não estou com vontade de ter que pagar minha parte. Vou verificar.

— Conheço um lugar, mas lá é um tanto caro. Não quero acabar deixando-lhe arrependido...

— Não importa. Três mil ienes devem dar conta do recado, não? Aqui, você pode ficar com o dinheiro. Vamos gastar tudo esta noite.

— Não, acho melhor não. Não consigo beber confortavelmente tendo a responsabilidade de cuidar do dinheiro de outra pessoa.

Apesar de feio, este sujeito fala bem, não? De fato, homens que escrevem romances possuem, de alguma forma, um ar simples e direto. Se escutar Mozart, notará que é Mozart. Se encontrar um jovem escritor, notará que é apenas um jovem escritor. É estranho como as coisas naturalmente se apresentam dessa forma.

— Então, vamos conversar bastante sobre literatura esta noite. Desde o início eu estive interessado em seu trabalho, mas o meu chefe é um tanto conservador, entende?

⁷ *Hyottoko*. Personagem tradicional japonês, de veia cômica, em geral representado por uma máscara com a boca torta e um olho maior que o outro.

Vou levá-lo ao bar Takeda. Acho que tenho por volta de mil ienes pendurados lá, então vou aproveitar e deixá-lo cuidar disso.

— É aqui?

— Sim, é um pouco sujo, não é? Mas gosto de beber neste tipo de lugar. O que acha?

— Nada mal.

— Ah, nossos gostos combinaram. Vamos beber. Saúde! Por falar em ‘gosto’, é um assunto complicado, não acha? De mil aversões, nasce um interesse. Logo, um sujeito sem interesses não possui aversões. Vamos beber. Saúde! Vamos discutir bastante hoje! Surpreendentemente, você é um tanto tímido, não? Sem reticências! Eu me perco com elas. São as nossas grandes inimigas, e podemos estar perdidos em suas mãos. Falarmos deste assunto é a maior forma de sacrifício próprio, e para a humanidade, a maior forma de caridade. E veja bem: sem recompensas, como, de fato, uma caridade. Mas, ainda assim, ‘deverás amar teus inimigos’. Bom, eu não consigo desgostar daqueles que me animam e nossos inimigos sempre cumprem esse papel, não acha? Vamos beber. Idiotas acreditam que a piada nunca pode ser séria e pensam que trocadilhos não podem constituir uma resposta. E ainda: exigem um comportamento honesto, apesar de a honestidade ser insensível. Aqueles que são abundantemente sensíveis não conseguem agir honestamente com facilidade pois compreendem a dor do próximo. Honestidade é, na verdade, uma violência. É por isso que não consigo gostar dos antigos escritores. Simplesmente, tenho medo da força deles. *‘Os lobos não devem devorar as ovelhas, é imoral; é realmente infeliz. Aquele que deverá fazê-lo sou eu!’* Somente existem pessoas que parecem dizer coisas violentas como essas. Não podemos contar com a intuição desde o início. Instinto que não acompanha sabedoria não é nada mais do que um acidente ou apenas sorte fortuita. Vamos beber. Saúde! Vamos discutir. Nosso verdadeiro inimigo é o silêncio, mas quanto mais falo, mais ansioso fico. Os gênios são aqueles que confiam com afincamento em seu julgamento, no entanto, o mesmo pode ser dito sobre os idiotas, não é? Tudo bem, vamos parar com a maledicência. Embora eu a pratique bastante, admito que não é muito elegante. Originalmente, a prática do mal falar está contida na mesquinha natureza do debatedor, não acha? Vamos beber! Vamos conversar sobre literatura! Teoria literária é um assunto sublime, não é? Ah, se encontrar um novo autor, notará que é um novo autor; se encontrar um velho autor, verá que é um velho autor. É interessante como naturalmente me adapto a esse raciocínio. A propósito, proponho um exercício de reflexão: você, como autor estreante, o que faria para se tornar popular e ser lido por três milhões de leitores? É uma pergunta difícil de responder, mas não a deixe te desencorajar. É mais tranquilo do que tentar ser esquecido por várias pessoas, excetuando-se os primeiros cem leitores. A propósito, os escritores que são amados por vários milhões de pessoas costumam amar suas próprias obras, pela mesma lógica, os que não são tão populares não gostam de suas

obras, geralmente. Um tanto penoso. Felizmente, você gosta da sua obra, de fato, acredito que não terá problemas em vir a ser gostado por três milhões de leitores e se tornar um *best-seller*. Não perca a esperança! Utilizando um termo que está popular recentemente: você tem potencial. Vamos beber. Saúde! Caro autor, o que almeja: ser lido mil vezes por um leitor, ou ser lido uma vez por cem mil leitores? Certamente muitos escritores responderiam inexpressivamente que gostariam de ser lidos mil vezes por cem mil leitores. Mas siga em frente, você tem potencial. Não importa se for uma cópia de Kafu ou não. Originalidade é o mesmo que acontece em nosso estômago: depende se conseguimos ou não digerir os nutrientes que adquirimos dos outros. Se as fezes saírem no formato original, é ruim, mas desde que consiga ser digerido, não há problema. Desde a antiguidade, nunca houve autores originais. Aqueles que realmente possuem este mérito não apenas são desconhecidos, mas também não desejam atingir reconhecimento. É por isso que você pode manter-se calmo. Mas, ocasionalmente, encontro alguém vagando por aí com aquela cara de ‘vejam só como eu sou um escritor original’, mas são apenas tolos, portanto não há nada a temer. Ah, suspiros. A sua perspectiva para o futuro é vasta. Um largo caminho. Sim! Que tal chamar seu próximo romance de ‘O Grande Portal’? A palavra ‘portal’ realmente remete a um sentimento da época. Perdão, estou com ânsia de vômito... tudo bem... já estou bem. A bebida aqui não é muito boa, né? Pronto, que alívio. Já estava nauseado desde antes, mas não tive como aliviar o problema. Acho que beber enquanto elogia alguém não acaba muito bem. A propósito, sobre Valéry... Ah, finalmente acabei falando. Teu silêncio acabou por me desgraçar. Tudo que falei nesta noite foi retirado diretamente dos ensaios de Valéry, não se trata de originalidade ou coisa alguma. Não consegui digerir completamente por causa das condições um tanto precárias do meu estômago e o expeli em sua forma original. Se preferir, posso falar muito mais sobre isso, mas acho melhor e menos trabalhoso dar-lhe este livro do Valéry. Comprei antes no sebo e li enquanto estava no trem, logo, ainda está fresco na memória, mas certamente amanhã cairá no poço do esquecimento. Se ler Valéry, notará que é apenas Valéry. Se ler Montaigne, Montaigne. Pascal, Pascal. ‘A permissão para o suicídio só pode ser dada àqueles que alcançam a felicidade total’. Viu só? Isso também é Valéry. Nada mal, hein? Não temos nem mesmo o direito ao suicídio! Vou dar-lhe o livro. Ei, dona, feche a conta. Todas as contas. **Todas!** Então, com licença, irei na frente. É como está escrito naquele livro: ‘Deverás ser leve como um pássaro, mas não como uma pluma.’ E agora, o que farei?

O jovem esguio de cabeça descoberta e cabelos bagunçados enfim levantou voo, como uma ave aquática.

Como citar este texto (ABNT):

DAZAI, O. Pássaro migratório. Tradução de Cleiton Santiago Madruga. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n.41, jul./dez., p. 159-165, 2017.